



# As Histórias Literárias na Escola de Educação Infantil: Elementos Para Pensar a Prática de Contação de Histórias

Ketty Claudia Neves do Amaral  
Leila Cristina de Carvalho Sandim  
Simone Marques S. Carvalho

**Como citar:** AMARAL, Ketty Claudia Neves do; SANDIM, Leila Cristina de Carvalho; CARVALHO, Simone Marques S. As Histórias Literárias na Escola de Educação Infantil: Elementos Para Pensar a Prática de Contação de Histórias. *In:* FAVINHA, Maria Aparecida Zambom (org.).

**Formação de professoras e professores da educação infantil:** bases científicas, contextos, desafios e possibilidades. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.167-181. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-558-2.p167-181>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## CAPÍTULO 9

### **As Histórias Literárias na Escola de Educação Infantil: Elementos Para Pensar a Prática de Contação de Histórias**

*Ketty Claudia Neves do Amaral<sup>22</sup>*

*Leila Cristina de Carvalho Sandim*

*Simone Marques S. Carvalho*

A prática em contar e ouvir histórias vem perpetuando entre séculos, desde os tempos longínquos que essas ações são contempladas e comprovam a necessidade do ser humano de relacionar-se com o outro, com o meio e com a cultura. De fato, a arte de contar histórias fascina os ouvintes e quem narra, impulsionando assim, nos processos que permeiam o desenvolvimento da imaginação, do pensar, da interação dos pares, das descobertas, experimentações e aprendizagens.

Assim, discorreremos acerca da importância das histórias literárias na/ para a formação humana, reforçando que a escuta literária é essencial desde a mais tenra idade. Enfatizamos que a Escola de Educação Infantil é um lugar privilegiado para que se ocorra práticas da narrativa oral. Todavia, refletimos sobre alguns desafios enfrentado por educadores frente a ação de ser professor/a-contador/a de histórias, uma vez que, essa prática não se resume em técnicas de memorização, mas em conhecimentos literários e dedicação.

Dentre as alternativas pré-dispostas como apoio para práticas pedagógicas literárias, há os *Canais de Contação de Histórias do YouTube* sendo

---

<sup>22</sup> O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado concluída intitulada: Práticas de Contação de Histórias na Escola de Educação Infantil e a Pandemia de Covid-19: Reflexões acerca de dois Canais do Youtube. Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Valiengo. Mestranda concludente: Ketty Claudia Neves do Amaral.

utilizados como uma fonte de referência por educadores. Dessa forma, ao decorrer deste texto propomos uma reflexão a partir deste recurso digital, apresentando determinados pontos que podem ser considerados em relação ao uso desta ferramenta na Educação Infantil.

A arte de contar histórias está relacionada ao encanto de quem ouve e de quem conta, pois para se contar bem uma história é necessário primeiro se encantar por ela, permitir que o conto reverbere as memórias e multiplique a imaginação. As histórias literárias fazem parte da formação humana, suas contribuições para/na infância estão relacionadas aos aspectos que permeiam a relação com o outro, com a cultura e com as experiências do dia a dia.

Ao enfatizar que contar histórias parte de uma experiência de relacionamento humano que tem em si uma qualidade única, insubstituível, Machado (2004) pontua que, o conto pode unir pessoas. E, é por meio dessa relação que envolve histórias, adultos e infância, que acreditamos ser esta uma via que possa conduzir as práticas de humanização. Ramos (2010, p. 91) destaca a experiência com a contação de histórias como uma das mais propícias à humanização:

Afirmamos que esta experiência é humanizante e humanizadora. Humanizante porque possibilita o exercício da convivência entre as pessoas entrelaçadas por um motivo, razão ou propósito: uma boa história, um bom enredo. Ela também é humanizadora porque o exercício desta convivência nos torna o objeto virtuoso do próprio exercício da contação: introjetamos o conteúdo moral narrado e levamos conosco as referências éticas para novas experiências.

A Escola de Educação Infantil (EEI) é um espaço oportuno para a prática da narrativa oral literária, pois possui papel fundamental no que se refere ao processo de formação humana, sendo um espaço privilegiado para contemplar experiências com o mundo literário. Desse modo, destacamos os conhecimentos literários por meio da contação de histórias, que estimulam o contato com a arte, palavra, imagem, musicalidade, sonoridade e a construção da linguagem verbal.

Velasco (2018, p.73) expressa que: “Contar histórias na Educação Infantil implica um mergulho em outro jeito de experimentar, descobrir e fazer. Aprender a olhar a criança do ponto de vista da criança”. É aproximar-se da criança e permitir que possa vivenciar e explorar as mais diversas

experiências literárias, compreendendo as suas necessidades.

Para alargamento dessas perspectivas a autora Girardello (2014, p. 56) reforça que as crianças têm a necessidade de ouvir histórias e que “as histórias precisam ser ouvidas por crianças para seguirem em seu caminho sinuoso através das eras”. Em conformidade, Reyes (2010, p. 51) enfatiza que a voz adulta é uma espécie de nutrição infantil ao mesmo tempo em que conduz as histórias. “A tradição oral com seu legado de rimas, rondas, poemas e contos corporais é um grande livro que se atualiza na voz dos adultos e constrói outro cenário para conquistar a linguagem em outra ordem”.

De fato, os momentos de contação podem despertar em bebês e nas crianças a oralidade, a escuta, o pensamento, a imaginação, a memória, a comunicação e a aprendizagem de inúmeras palavras, além, e principalmente, de se constituir num instrumento que humaniza. Com base nessas considerações, a prática constante em contar histórias tende a promover relações de humanização e socialização entre o educador e a criança pequena, possibilitando ações significativas que contribuem para linguagem oral, memórias afetivas, propondo uma intervenção ativa e consciente nos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Velasco (2018) propõe repensarmos a arte de contar histórias na Educação Infantil, a partir de uma visão mais abrangente daquilo que seria a cultura própria da infância. Ou seja, para autora, as histórias, as descobertas, as experiências, as oportunidades do brincar e o processo que se instituiu por meio das relações consigo e com o outro se encontram unificados nesse movimento que engloba desenvolvimento e infância. Nessa perspectiva, Souza e Mello (2017, p. 199) discorrem:

A brincadeira de papéis sociais, a investigação e o conhecimento de mundo, a expressão das crianças por meio das tantas outras linguagens – como o desenho, a fala, o movimento, a música, o gesto –, o ouvir e o contar histórias, a relação com os adultos e as outras crianças são cruciais como atividades que promovem o desenvolvimento humano na infância.

As histórias narradas em suas multiplicidades tendem a favorecer momentos em que essas experiências sejam prazerosas. Nessa perspectiva, a prática pedagógica auxilia no desenvolvimento dos bebês e crianças e pode favorecer as compreensões culturais, de mundo, autoconhecimento e a observação para afinidades em coletivo. Brandão e Rosa (2011, p. 37) enfatizam o quanto esses momentos são oportunos:

Assim, a roda de histórias possibilita que a constituição de uma identidade grupal faça parte das práticas educativas. Isto porque professora e crianças participam juntas de uma atividade em que vão descobrindo palavras que soam engraçadas, enredos que despertam a curiosidade pelo seu encadeamento, tramas que geram tensão seguida de alívio. Deste modo, além de partilharem palavras, os integrantes da roda partilham sentimentos, pensamentos, formas de interpretar a si mesmos e a realidade vivida.

Assim, escutar histórias na infância é um ato que colabora para a formação do sujeito leitor. Nesse sentido, a professora, ao contar uma história, pode levar a criança a se descobrir e despertar a curiosidade tanto para o mundo imaginário, quanto para com o mundo ao seu redor. “As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seus conhecimentos em relação ao mundo que a cerca” (Busatto, 2012, p. 02).

Portanto, o docente em sua atividade pedagógica pode oportunizar momentos que caracterizam tais descobertas a partir da narrativa oral literária. Dessa forma, algumas questões se colocam como: Quem prepara o docente para a arte de contar histórias? Qual o papel do/a professor(a) contador(a) de histórias? Se a narrativa oral literária é de suma importância para o desenvolvimento infantil, qual o lugar que ela ocupa nos planejamentos pedagógicos?

Alguns elementos podem nos ajudar a refletir sobre esses questionamentos e para esta exposição, focaremos em três. O primeiro trata-se de que as histórias fazem parte do patrimônio cultural da espécie humana e, para muitas crianças, a oportunidade de ouvir histórias se encontra dentro do ambiente educacional. Nessa perspectiva, as autoras Carvalho e Baroukh (2018, p. 39) defendem que “A escola é, por excelência, o lugar em que as crianças devem ter acesso ao patrimônio cultural da humanidade – esse é um direito que lhes cabe desde o momento em que pisam em sua primeira instituição escolar”.

Candido (2011, p. 177) nos faz refletir acerca da importância de a literatura fazer parte dos currículos, principalmente por se tratar de uma construção cultural, social e fator indispensável de humanização: “Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”.

A contação de histórias na Escola de Educação Infantil pode promover o desenvolvimento sociocognitivo, a formação de leitores, por meio de uma relação lúdica e prazerosa entre o educador e a criança. Ouvir histórias pode proporcionar às crianças, desde a mais tenra idade, o conhecimento de outras culturas, o contato e a compreensão de inúmeras palavras, dentre outros benefícios. “Ah, como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas histórias” (Abramovich, 2009, p. 16).

O segundo elemento, trata-se de documentos oficiais que propõem momentos de experiências literárias, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2010, p. 25) que definem: “III – Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”. O referido documento expõe ainda que a criança deve ter possibilidades de brincar, imaginar, fantasiar, desejar e aprender.

Dentre os inúmeros bens culturais, é necessário garantir às crianças o acesso a linguagem oral e escrita, desse modo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) (Brasil, 2013) ressaltam:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades de as crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (Brasil, 2013, p. 94).

De fato, a criança precisa ser reconhecida como sujeito histórico e de direitos que deve vivenciar as mais amplas possibilidades de desenvolvimento infantil, a partir de práticas pedagógicas em suas interações e relações. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018, p. 43) evidencia que “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos” faz parte do campo das experiências que envolvem a escuta, fala, pensamento e imaginação, sendo um dos objetivos de aprendizagem que contemplam o desenvolvimento das crianças pequenas.

Corroborando essas explicações, Sisto (2012, p. 12) afirma que: “O processo pedagógico de toda e qualquer escola certamente estará enriquecido com a inclusão de atividades de contação de histórias. Portanto, a prática de narrar histórias é uma das tantas formas utilizadas por professores em seu planejamento que envolvem oralidade e escuta.

O terceiro elemento está relacionado a compreensão dos desafios dos professores para/com a arte de contar histórias. Assim, partimos da premissa de que a oralidade contribui para o desenvolvimento das práticas de contação de histórias, que fazem parte das ações mediadas entre adultos, bebês e crianças pequenas.

Ao pensarmos na prática de contar histórias por professores esbarramos em algumas questões que nos impulsionam a refletir sobre essa atividade que envolve preparo, dedicação, técnica e recursos. E, em sua maioria, cabe ao docente a busca por informações e formações continuadas para que se possa apresentar uma narrativa literária de qualidade.

Outra questão consiste na ausência da promoção de formações que atendam sem restrição todos os docentes e visam a orientação da atividade pedagógica para/com a narrativa oral literária. Machado (2015), a partir de suas experiências em oficinas para formação de contadores de histórias, relata sobre alguns questionamentos que fazem parte do percurso que envolve professor(a)-contador(a), tais como: de que forma contar histórias para crianças? Como prender a atenção dos ouvintes? Contar histórias com ou sem recursos? Ler ou contar histórias para crianças?

Corroborando com as ideias da autora acima, Velasco (2018, p. 173) expõe que: “Quando pensamos em contar histórias na sala de aula, esbarramos em uma série de perguntas: Como fazer soar o espírito da história? Como principiar o curso de uma narrativa?” Ambas as autoras defendem que para se contar bem uma história é necessário um preparo que implica dedicação, estudo, conhecimento entre as diferenças entre contar, ler em voz alta e mediar uma história. Tais conhecimentos podem resultar num aprimoramento dessa prática.

De fato, essas e outras perguntas ressoam como questionamentos internos que envolvem os professores e, ao mesmo tempo, podem exprimir as fragilidades que o educador encontra para colocar em prática a narrativa

oral, pois o fazer-se professor(a)-contador(a) não pode ser considerado como uma tarefa simples; é uma ação que engloba alguns detalhes como: tempo, conhecimento, organização do espaço físico e dedicação. Nessa perspectiva, Sampaio (2016, p.75-76) afirma:

Contar histórias não se resume a técnicas ou receitas. Essa atividade, na sua essência, pressupõe um autoconhecimento do narrador, um olhar atento a cada gesto e movimento. Além disso, o profissional tem a difícil tarefa de não somente decorar o texto, mas, conhecê-lo e apreciá-lo esteticamente.

Na mesma linha de ideias, Sisto (2012) destaca que uma das principais bases para ser um bom contador está associada às buscas por histórias literárias e suas leituras, assim, quanto maior o contato com a literatura/contos, maior será o repertório e preparo para essa arte. Desta forma, o professor aproxima-se da ação de ser contador e pode sentir-se mais seguro, levando a criança a se descobrir, a despertar a curiosidade tanto para o mundo imaginário quanto para o mundo social ao seu redor, bem como auxiliando na compreensão e percepção de situações significativas do seu dia a dia.

Nesse processo de “como” fazer a contação de histórias acontecer, além da busca do texto literário, há profissionais que optam por utilizar recursos externos durante sua narração, como acessórios, panos, objetos, música, vestuários, instrumentos, adereços, fantasias, dentre outros que a criatividade em particular do narrador permitir. Esses elementos podem auxiliar a contação de histórias, desde que seu uso seja consciente e específico para cada história. Acerca disso, Machado (2015, p. 110) enfatiza:

Sobre esses recursos é importante ressaltar que devem estar a serviço da história. Não se trata de fazer teatro, e sim de narrar. Às vezes são tantas coisas utilizadas que desviam a atenção do fio da narrativa, promovendo um show de estimulação sensorial. As crianças se deixam seduzir pela parafernália técnica e a história se perde.

É necessário estar ciente da real funcionalidade do recurso externo utilizado. Um ponto essencial é que o educador não se detenha à expectativa de que o artifício usado seja a única via de possibilidade de entreter e deter a atenção de bebês e crianças pequenas durante a narração, mas pelo contrário,



Carvalho e Baroukh (2018, p. 30) reforçam: “Com um bom livro em mãos ou uma boa história, belamente narrada, não será preciso chamar a atenção das crianças com nenhum elemento a mais: a imaginação e a fruição que a história proporciona já dão conta – e muito – da experiência”.

Contar implica ter o corpo como base, as memórias como fonte para que as histórias possam fluir sem a presença do livro, ressaltando a pessoa e a palavra que é vivificada, a partir de quem narra. Portanto, o reconto pode ser com ou sem recursos. À professora contadora, cabe escolher e estar ciente de qual a melhor proposta. Sobretudo, cabe estar atento em identificar as suas necessidades e as de seus ouvintes.

Entretanto, não é possível afirmar que todos os professores estarão cientes das possibilidades de se narrar um conto e das práticas literárias, principalmente pela deficiência de preparo e formação que possa contribuir para/ com uma atividade consciente, referente a contação de histórias. Em seu processo de formação inicial há uma carência de contato e informação sobre a literatura, conforme evidência Saldanha (2018, p. 153) em seus estudos:

Os dados sistematizados a partir das informações das 27 universidades federais pesquisadas comprovam que a disciplina de Literatura não faz parte da maioria dos currículos de Pedagogia dessas instituições, apontando para uma lacuna no sistema educacional, que tem repercussões tanto no ensino superior, no preparo dos professores, quanto na escolarização inicial.

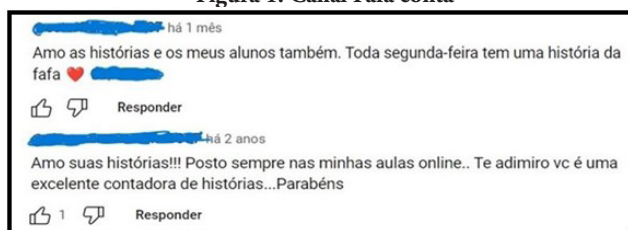
Com base nessas assertivas da autora, o despreparo dos professores pode acarretar lacunas no sistema educacional. Diante dessa realidade, nos questionamos: de que forma os docentes visam sanar essa carência, uma vez que, em suas práticas a literatura ocupa um lugar de suma importância? Alguns profissionais têm buscado o meio digital como um recurso para sua prática e apoio de formação e informação. Dentre as inúmeras possibilidades, os canais de contação de histórias do *YouTube* vêm se tornando uma referência.

Na plataforma do YouTube existem inúmeros canais voltados para a divulgação de práticas literárias. Para esta apresentação, selecionamos o canal *Fafá conta* para dialogarmos sobre as buscas dos docentes por orientação acerca da narrativa oral literária e por vídeos de histórias que possam ser utilizados em suas práticas pedagógicas.

*Fafá conta* é um canal ativo desde 2015, possui mais de 150 mil inscritos e mais de 15 milhões de visualizações. Nesse espaço são armazenados vídeos de histórias literárias narradas pela contadora, os quais são de acesso livre ao público. Em alguns vídeos são realizadas mediação de leituras e, em outros a contação oral de histórias, mas em ambas as modalidades a contadora tem por base o livro físico, apresentando autores e editoras.

As formas de interação entre ouvintes e a contadora ocorrem por meio dos comentários com a participação de professores, nos quais foi possível perceber que, em sua maioria, existem expressões de carinho para com as contadoras por parte dos ouvintes. Em outros há solicitação de professores por formação que os capacitem para contação e afirmação de que os vídeos são utilizados durante as atividades pedagógicas (figura 1).

**Figura 1: Canal Fafá conta**



**Fonte: Amaral (2023, p. 99).**

Os comentários acima demonstram a afeição que as professoras têm pelo trabalho da contadora, além de expressar suas buscas por este espaço digital, para que seja suprido suas necessidades em relação a contação e as práticas literárias. Essa busca nos faz refletir sobre a “lacuna” citada pela pesquisadora Saldanha (2018) ao afirmar que a ausência de contato com a literatura na formação inicial tem causado uma defasagem na prática pedagógica.

Outro ponto relevante é a afirmação “toda segunda-feira” tem uma história do canal, essa fala nos remete ao fato de que os professores têm selecionado estratégias pronta e de fácil acesso no planejamento de suas ações pedagógicas. O uso de recursos como vídeos de histórias pode e deve fazer parte da organização pedagógica, porém, não precisa ser a única forma de promover um contato com a narrativa.

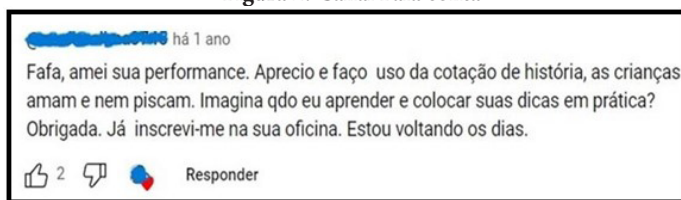
Conforme, mencionamos desde o início desta apresentação é importante que o docente possa preparar e narrar as histórias pensando nas particularidades da sua turma. O contato entre ouvinte e narrador contribui para o processo de formação humana, bem como está atrelado às possibilidades de desenvolvimento integral da criança.

A criança que ouve histórias, desde bem pequena, desenvolve relações e memórias afetivas com quem conta e com sua trajetória pessoal. Assim como afirma Reyes (2010, p. 67), as narrativas literárias contribuem e são fundamentais ao processo de desenvolvimento das crianças: “é impressionante quando se descobre como as narrativas das crianças habitualmente expostas às histórias se diferenciam das outras a quem não se contam nem se leem histórias”.

Ao professor é direcionada a preocupação em escolher histórias e apresentá-las da melhor forma possível, criando um ambiente acolhedor e propício à escuta literária, possibilitando que as crianças participem de forma interativa nesse percurso que explora a imaginação e envolve os sentidos como audição, visão e tato.

Apesar das orientações em documentos oficiais, para muitos professores, a contação de histórias não é uma tarefa tão simples, para tanto, essa ação tem provocado busca por orientações, formações e meios que possam contribuir com o professor formativo do educador-contador (figura 2).

**Figura 2: Canal Fafá conta**



**Fonte: Amaral (2023, p. 99)**

O comentário selecionado evidencia que os professores se inspiram na contadora como uma referência de formação. Ao encontro dessas expectativas, no canal do *YouTube* é ofertado cursos e oficinas para a formação e capacitação de novos contadores. Em meio à divulgação dos cursos, a contadora motiva a participação de professores(as) para que possam adquirir conhecimentos que envolvem desde o preparo pessoal, do ambiente, a escolha das

histórias e possíveis recursos para compor a narrativa. Nessa perspectiva, Sisto (2012, p. 12) ressalta que: “Para contribuir com o processo de formação permanente e continuada do professor, nada melhor do que torná-lo um leitor e um contador de histórias”.

Encontramos docentes que buscam alternativas para aprimorar sua prática de contação de histórias, preocupados com a qualidade e variedade de suas narrativas literárias e, nessa busca, o meio digital tem se tornado uma ferramenta comum para atender esta demanda. Dentro do tema da formação de professores, García (1999), compreende este movimento como “desenvolvimento profissional autônomo”, concepção na qual os professores buscam conhecimentos e competências que consideram necessários para a sua prática profissional por compreenderem que as ofertas de formação atuais não atendem às suas necessidades, quer pela qualidade, quer pela ausência deste tipo de formação. Estabelecemos então, um diálogo entre a arte da contação de histórias, sua considerável importância bem como, os desafios e caminhos para se pensar a prática docente.

Velasco (2018, p. 165) ressalta que “Muitos educadores vêm se aproximando cada vez mais da arte de contar histórias, buscando técnicas, recursos para prender a atenção das crianças, repertórios mais apropriados”. Conforme García (1999, p. 137) alguns autores referem-se à formação contínua de professores como toda a atividade que o professor realiza isoladamente ou com outros professores, com finalidade formativa que conduza a um aperfeiçoamento profissional. Adotando para esta finalidade o termo “desenvolvimento profissional de professores”, este desenvolvimento concretiza-se como uma atitude do educador de permanente pesquisa, de questionamento e busca de soluções.

Nesse movimento de procura e oferta, no qual intenção e necessidade se misturam, Machado (2015, p. 99) destaca que muitos professores procuram cursos que ensinem a prática de narrar, no entanto, a autora enfatiza que “Ninguém pode ensinar uma pessoa a ser uma boa contadora de histórias e, ao mesmo tempo, qualquer pessoa pode aprender a contar bem uma história”. Coelho (1999, p. 13) pontua que, “Há professores que pensam que não tem jeito para contar uma história. Se experimentarem, descobrirão qualidades novas em si mesmos, reacendendo a própria criatividade, o que os incentivará a modificar a prática de ensino, obtendo resultados positivos”.

De fato, é importante sentir-se à vontade a partir de suas peculiaridades para se narrar uma história. Busatto (2012, p. 88) “Gostaria de lembrar que é importante que se busque à nossa maneira de contar histórias, aquela na qual nos sentimos mais à vontade. Temos as nossas características, elas devem ser preservadas e, antes de tudo, valorizadas”.

Todavia, não há uma fórmula pronta e sim a dedicação para com as práticas literárias. Machado (2015) relata que há educadores que se sentem incapacitados e que trazem consigo inquietações sobre como narrar um conto. São questões que fazem parte do contexto em que as histórias serão apresentadas e participam do processo de se reconhecer-se como professor(a) contador(a).

Portanto, a busca de conteúdos prontos no meio digital ocorre pela facilidade de acesso e variedade de práticas literárias que são encontradas neste ambiente. Dessa forma, ao buscar um canal no *YouTube* ou um vídeo de contação de histórias como referência para propor na escola de Educação Infantil, é preciso estabelecer alguns critérios para a validação da referência: a experiência e formação do contador de histórias; o quanto o contador é fiel ao texto fixo e a apresentação do livro, quando o utiliza como referência; a consideração sobre a contação e literatura como arte, não como uma possibilidade de servir para ensinar algum comportamento ou conteúdo do currículo escolar; a relevância da contação de maneira presencial e por parte da professora que pode ter algumas inspirações no canal; quando sugerir o canal ou vídeo às crianças compartilhar esse momento com elas ou conversar sobre os assuntos abordados.

### **Palavras finais com o desejo de continuar a conversa**

Ouvir histórias pode proporcionar nas crianças, desde a mais tenra idade, o conhecimento de si e do outro, promovendo a escuta, a fala, bem como a comunicação e a compreensão de inúmeras palavras. Nessa relação social e cultural, estabelecem a apropriação de múltiplos saberes que emanam tanto do exterior, quanto do interior da criança pequena.

Os documentos oficiais incentivam e orientam que os docentes promovam um contato maior com a narrativa literária oral, porém, em sua formação inicial, não é oportunizado de forma plena a compreensão de técnicas, conhecimento literário para/com a arte de contar histórias. Assim, indagamos:

quem forma o/a professor/professora para serem contadores de histórias? As mesmas leis e normas que determinam o exercício dessa arte na prática pedagógica não contemplam exigências em oferta gratuita de formação literária inicial e continuada para todos os docentes.

O canal de contação de histórias é um espaço digital que contempla práticas literárias. A participação de professores por meio dos comentários, expõe suas necessidades e fragilidades pedagógicas de assumir-se como professor(a) contador(a). Dessa forma, é essencial refletirmos acerca do processo de formação inicial dos professores, principalmente no que tange os conhecimentos literários.

Portanto, ao refletirmos sobre alguns elementos que contemplam a prática da contação de histórias repensamos em questões que envolvem a formação de professores como uma atividade docente consciente. Compreendemos que, para se narrar bem uma história é necessário dedicar-se às leituras literárias, ao conhecimento, à escuta e à preparação das histórias e, além disso, ter a literatura como referência pode ampliar os objetivos de seleção e as perspectivas de uso dessa arte.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

AMARAL, Ketty Claudia Neves do. **Práticas de contação de histórias na escola de educação infantil e a pandemia de covid-19: Reflexões acerca de dois canais do YouTube**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. São João Del-Rei/MG, 2023.

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org). **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2010 Disponível em [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNE\\_CEBN52009.pdf?query=FAM%C3%8DLIA](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNE_CEBN52009.pdf?query=FAM%C3%8DLIA). Acesso em 22 de junho de 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.** Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2013-pdf/13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 22 de junho de 2022.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler:** oito mitos escolares sobre a leitura literária. São Paulo: Panda Books, 2018.

COELHO, Betty. **Contar Histórias uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 1999.

FAFÁ CONTA. **Fafá Conta Histórias.** *Youtube.* Disponível em: <https://www.youtube.com/@Fafaconta>. Acesso em 02 de junho de 2022.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999. 271 p. (Coleção Ciências da Educação Século XXI; 2).

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque:** contar histórias na escola. Campinas: Papirus, 2014.

MACHADO, Regina. **Acordais:** fundamentos teórico-poéticos da arte de contar. São Paulo: DCL, 2004.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta.** São Paulo: Reviravolta, 2015.

RAMOS, Luiz Felipe da Matta. A contação de histórias sob uma perspectiva ética-antropológica. In: TIERNO, Giuliano. **A arte de contar histórias:** abordagens poéticas, literária e performática. São Paulo: Ícone, 2010.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária:** leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

SAMPAIO, Mariana. **Leitura e contação de histórias na educação infantil:** um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/abbbf1db1-4424-4bfa-b8a3-2efb83807706>. Acesso em 25 de março de 2022.

SALDANHA, D. M. L. L. **O ensino de literatura no curso de pedagogia:** um lugar necessário entre o institucional, o acadêmico e o formativo. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal/RN, 2018

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos:** sobre a arte de contar histórias. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Regina Aparecida Marques de; MELLO, Suely Amaral. O lugar da cultura escrita na educação da infância. In: COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral (org.). **Teoria histórico-cultural na educação infantil:** conversando com professoras e professores. Curitiba: CRV, 2017.

VELASCO, Cristiane. **Histórias de Boca:** o conto tradicional na Educação Infantil. São Paulo: Panda Books, 2018.